

ANÁLISE DA TRANSFORMAÇÃO DO DITONGO NASAL FINAL TÔNICO [ẽw̃] EM [õw̃] EM FALARES DE DESCENDENTES DE ITALIANOS NA REGIÃO OESTE DE SANTA CATARINA

Antonio Luiz GUBERT*

ABSTRACT: This study seeks to analyze the speech of Italian descent living in western of Santa Catarina to get some regularity about the pronunciation of the nasal diphthong final tonic [ẽw̃] as [õw̃] in certain words. Moreover, it is a study to identify the distinctive features of the identity of the people to western of Santa Catarina, from the perspective of language as a historical construct. To this end, we analyzed recordings from three Italian descent speakers, who underwent to read six sentences containing these diphthongs in different phrasal positions. The results showed a certain regularity of transformation in the pronunciation of the nasal final diphthong tonic [ẽw̃] as [õw̃] for most of the sentences and the largest number of speakers. Only in some situations of a speaker I has not been verified this transformation, perhaps because the speech are recording in laboratory and not be spontaneous. The same speaker pronounced the same diphthongs with change, and even in the same phrasal position, at other times. Further research would be needed to demonstrate more effectively the results of this.

KEYWORDS: diphthongs; Sociolinguistics; research; western of Santa Catarina.

1. Introdução

A partir dos anos 30, a região Oeste de Santa Catarina passa ser desbravada por colonizadores que buscam, além de solo fértil, um lugar para recriar suas culturas e cultivar suas identidades. Imigrantes provindos da Alemanha e da Itália aqui chegam e deixam suas marcas: seus traços identificadores e distintivos, como a língua da pátria de origem, começam a ser mescladas com as características do lugar colonizado, formando um novo matiz, um matiz que futuramente identificará o povo oestino por onde quer que vá.

A língua, nossa fonte de pesquisa, nesse cenário, sofre influência direta da cultura que se estabelece: o português, idioma oficial da região, passa a adquirir características das línguas de origem dos colonizadores, no caso a língua alemã e a italiana. Para este estudo, atentar-me-ei às características influenciadas e provindas do idioma italiano, por serem mais expressivas e adequadas ao estudo.

Algumas estruturas incorporadas do idioma italiano ao português são facilmente identificadas na fala dos habitantes da região, como a questão perceptível da vibração na produção do [R] em determinadas localizações nas palavras. Este estudo tratará de outra característica dos falantes descendentes de italianos que habitam a região em estudo: a substituição do ditongo nasal finalônico [ẽw̃] em [õw̃] e do inverso, tratando o inverso como caso de hipercorreção.

O estudo é estruturado com base em gravações com três falantes descendentes de italianos, em que se realiza a análise do resultado da leitura de frases que apresentam vocábulos com os ditongos finaisônicos [ẽw̃] e [õw̃] e de comentários sobre o (não) acontecimento de tais fenômenos fonéticos nas falas dos sujeitos.

* Mestrando em Letras – Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná/Capes-Reuni.

Com o resultado do estudo, é possível conhecer melhor o perfil do falante oestino e a origem de fenômenos que a muitos soam diferente. Ademais, é possível se fazer uma análise da língua enquanto fenômeno vivo e portador de herança, herança esta estabelecida histórico e geograficamente nos mais variados contextos.

2. O estudo

Esse fenômeno, bem como muitos outros relacionados à fonética e influências do idioma italiano na construção da fala do povo descendente de italianos podem ser encontrados em obras de alguns autores (FROSI; MIORANZA, 1983; MESCKA, 1983; ALTENHOFEN, 2002, MARGOTTI, 2004). Contudo, o estudo destes fenômenos especificamente na região Oeste de Santa Catarina, bem como qualquer estudo fonético ou fonológico nesta região ainda é muito carente. Para tanto, farei referência a autores que estudam a região Sul do Brasil, com teorias mais próximas e parelhas à região em estudo.

Frosi e Mioranza (1983) apud Margotti (2004, p.12), dissertando sobre o fenômeno estudado em dialetos italianos na Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, constataram que o ditongo [ãw̃] existente no sistema de sons da língua portuguesa, inexistem nos dialetos italianos. Ademais, segundo os autores, foi constatado que falantes de etnia italiana não realizam o ditongo, mas mantêm a nasalização: ver[oN] por ver[ão], coraç[oN] por coraç[ão], fog[oN] por fog[ão], cerraç[oN] por cerraç[ão].

Para tanto, utilizarei na pesquisa falantes urbanos e rurais, todos descendentes de italianos, para verificar qual o grau de ocorrência das estruturas em estudo e também verificar em que condições as mesmas ocorrem.

As justificativas para a ocorrência da substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] em [õw̃] em falantes ítalo-brasileiros residem no sistema estrutural da língua italiana, como podemos encontrar em Margotti (2004):

Na perspectiva diacrônica, se no sistema do português as três estruturas latinas –one, –ane e –anu convergiram para uma única forma –ão [ãw̃], no sistema dialetal italiano essas mesmas estruturas evoluíram do seguinte modo: one > õ (n) ou u, ane > ã (ne) e anu > ã (n) ou ã (no).

É de se observar, então, que a interferência do idioma italiano no português ocorre no âmbito fonético-fonológico, observando-se, obviamente, o contexto de concepção e construção de fala em que o sujeito esteve inserido durante o processo de construção da sua identidade lingüística e, adrede, no contexto atual de sua fala.

Portanto, como Margotti (2004) discorre, o falante eu teve como base lingüística a língua italiana¹ não ouve o ditongo [ẽw̃] nas suas práticas comunicativas, e, conseqüentemente, tem dificuldade em distinguir, na fala de língua portuguesa, [ẽw̃] de [õ]. Resta-nos verificar, através dos estudos, se efetivamente esse processo de substituição continua ocorrendo e em que grau, para, posteriormente, ser feita uma análise sociolingüística da relação da construção do falar oestino com a identidade desse povo, ambos construídos historicamente e caracterizadores da pluralidade lingüística e social do povo do Sul do Brasil.

¹ Margotti (2004) cita: “O falante que tem como língua materna um dialeto italiano [...]”. Para meus estudos, considero também o idioma italiano não apenas como língua materna falada pelos sujeitos, mas também como um a língua que foram acostumados a ouvir, por seus antecedentes a utilizarem em suas práticas comunicativas diárias. Com isso, mesmo sem saber falar a língua italiana, é possível se encontrar elementos da mesma na fala dos sujeitos, que construíram sua língua no âmbito social.

3. A pesquisa

Para a pesquisa foram utilizadas três gravações obtidas através da leitura de seis frases por falantes descendentes de italianos e residentes no município de Vargeão-SC, município que tem por base colonizadora os italianos. Três falantes foram escolhidos tendo em vista suas peculiaridades de fala e a relevância de suas contribuições ao estudo.

Aos entrevistados foi aplicado um questionário prévio básico, com perguntas pessoais para a comprovação de suas origens e obtenção de dados que podem influenciar nos estudos, como idade, grau de descendência, entre outros. Obtiveram-se os seguintes dados:

Idade:

Falante 1 (F1): 57 anos;

Falante 2 (F2): 71 anos;

Falante 3 (F3): 76 anos.

Escolaridade:

F1: Ensino Médio incompleto (10 anos de estudo);

F2: Ensino Médio completo (11 anos de estudo);

F3: Ensino Fundamental completo (8 anos de estudo).

Descendência:

F1: Neto de italianos;

F2: Filho de italianos;

F3: Filho de italianos.

Profissão:

F1: Regente de coral;

F2: Carpinteiro aposentado;

F3: Agricultor aposentado.

Local de residência:

F1: Zona Rural;

F2: Zona Urbana;

F3: Zona Urbana.

As frases que foram lidas pelos sujeitos possuíam vocábulos que continham os ditongos em estudo. São as frases que seguem:

1. *O pão é bom.*
2. *Éverton tem uma criação de passarinhos, mas só um João-de-barro.*
3. *O som do coração batia em um tom fraco.*
4. *Ouvi a explosão da bolha de sabão.*
5. *Compri um batom e um edredom para minha esposa.*
6. *Não sei quem é o Niltom.*

4. A análise dos dados

Os dados foram analisados através do programa Praat, programa este que pode ser obtido livre e gratuitamente através do sítio <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/> e que fornece parâmetros úteis à análise de dados fonéticos. Para tanto, foram analisadas duas situações:

- Ocorrência da substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] em [õw̃];
- Ocorrência da substituição do ditongo nasal final tônico [õw̃] em [ẽw̃].

As frases lidas foram analisadas individualmente, atentando-se aos vocábulos em que podem ocorrer as situações apontadas nos itens a e b dispostos acima.. Para todos os efeitos, considere a existência de um *glide* após as vogais nasais [ẽ] e [õ]. Os resultados serão apontados por falante e são os seguintes:

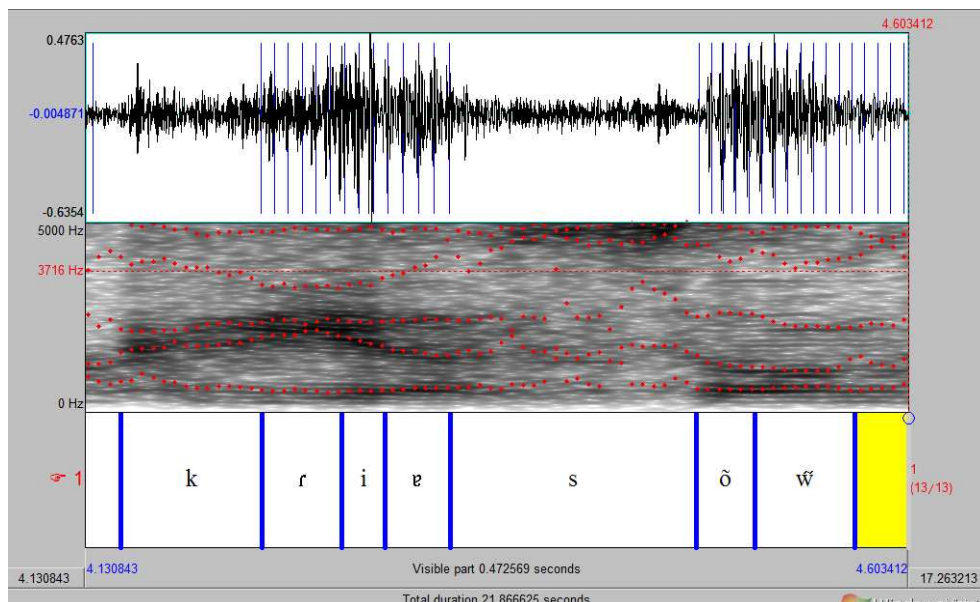
Frase 1: *O pão é bom.*

F1: Não pronunciou os vocábulos com alteração da nasalidade;

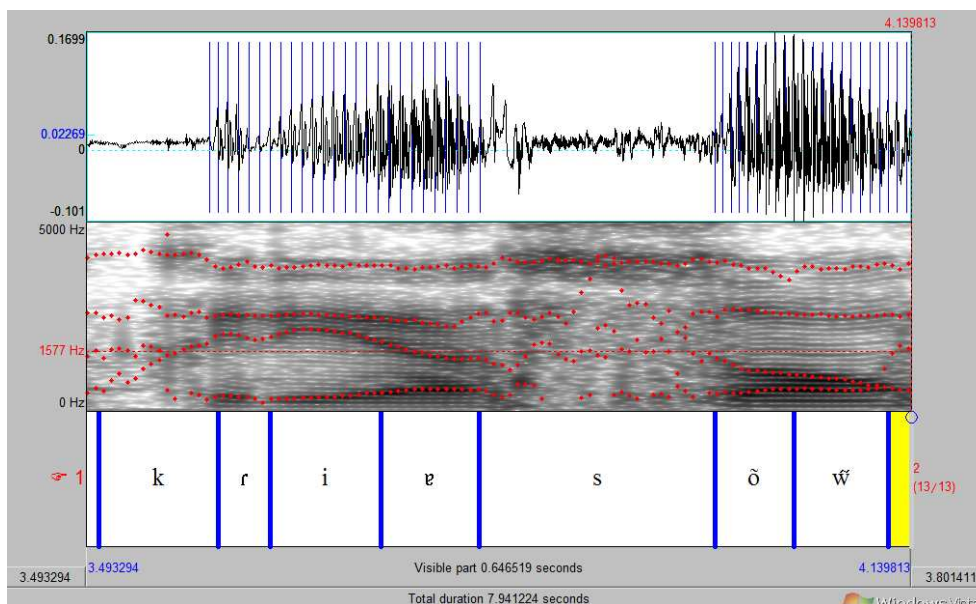
F2 e F3: Ambos pronunciaram a palavra [pẽw̃] como [põw̃], mas não ocorreu o inverso na palavra [bõw̃].

Frase 2: *Éverton tem uma criação de passarinhos, mas só um João-de-barro.*

F1, F2 e F3: O vocábulo [ɛveRtõw̃] não foi pronunciado com alteração da nasalidade, porém os vocábulos [kriasẽw̃] e [ʒõẽw̃] foram pronunciados como [kriasõw̃] e [ʒõõw̃].



Espectrograma da pronúncia pelo F1



Espectrograma da pronúncia pelo F2

Frase 3: *O som do coração batia em um tom fraco.*

F1: Não houve alteração na nasalidade de nenhum vocábulo².

F2 e F3: Os vocábulos [sõw̃] e [tõw̃] não sofreram alterações da nasalidade, porém o vocábulo [koRasẽw̃] foi pronunciado, pelos dois falantes, como [koRasõw̃].

Frase 4: *Ouvi a explosão da bolha de sabão.*

F1: Não houve alteração na nasalidade de nenhum vocábulo.

F2 e F3: Os vocábulos [ezplozẽw̃] e [sabẽw̃] foram pronunciados como [ezplozõw̃] e [sabõw̃], novamente pelos dois falantes, apenas com o F3 pronunciando ambas as palavras com duração mais longa.

Frase 5: *Compreei um batom e um edredom para minha esposa.*

F1, F2 e F3: não houve substituição do ditongo nasal final tônico [õw̃] em [ẽw̃] por nenhum falante em nenhum vocábulo.

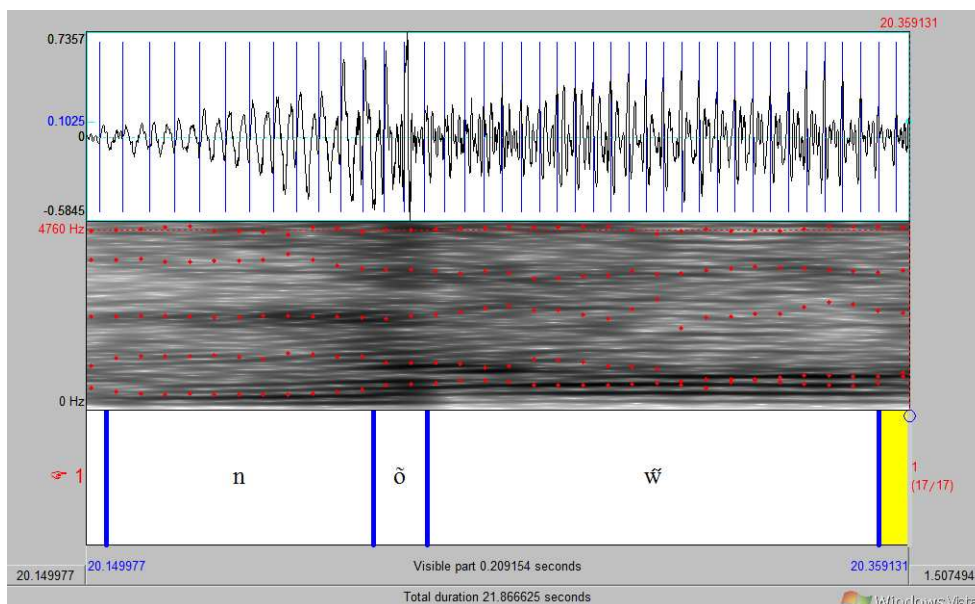
Frase 6: *Não sei quem é o Niltom.*

F1: O advérbio [nẽw̃] foi pronunciado como [nõw̃], porém o substantivo [niltõw̃] não sofreu alteração de nasalidade.

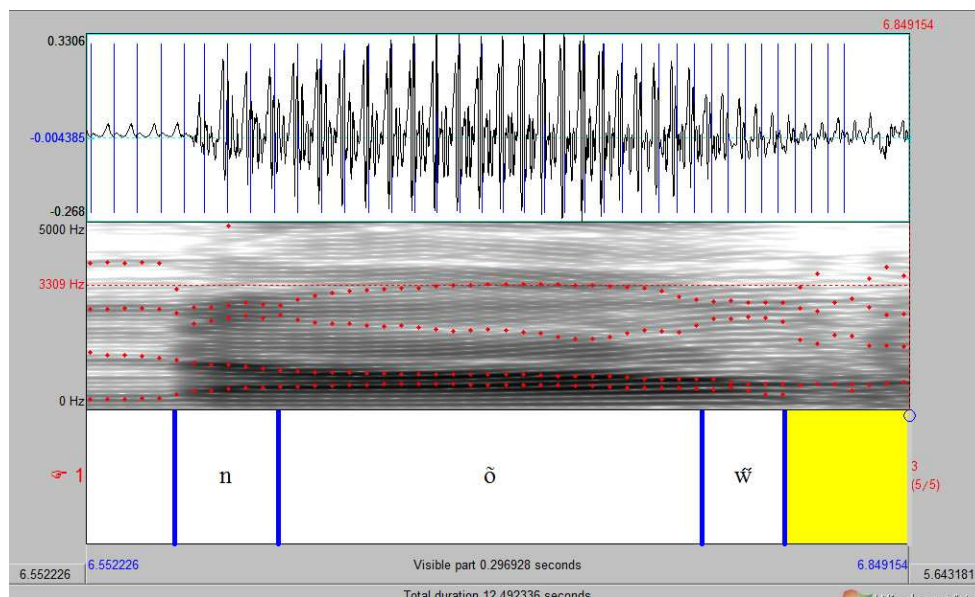
F2: O advérbio [nẽw̃] também foi pronunciado como [nõw̃] e o substantivo [niltõw̃] foi pronunciado com o mesmo ditongo.

F3: Pronúncia dos vocábulos semelhantes à do F2, contudo com maior duração do ditongo da segunda palavra.

² O F1, nesta frase, fazia pausas antes das palavras em que poderiam ocorrer as alterações da nasalidade, como se tentasse fabricar a pronúncia. Este evento poderia ter sido evitado se a fala fosse espontânea.



Espectrograma da pronúncia pelo F1



Espectrograma da pronúncia pelo F3

5. Conclusões

Como foi possível observar, houve certo padrão ou igualdade de pronúncia entre os falantes F2 e F3, enquanto que as mesmas frases faladas pelo F1 não se emparelharam totalmente às dos demais falantes. Isso pode ter sido causado por alguns fatores:

O F1 é neto de italianos, enquanto que os F2 e F3 são filhos. Logo, a influência do idioma ocorre de maneira menos direta no F1 que nos demais falantes;

O F1, por diversas vezes, tomava cuidados para que não pronunciasse os vocábulos com a nasalidade alterada, visto que era sabedor, junto com os outros falantes, do objetivo do estudo. O mesmo fato não ocorreu com o F2 e o F3 que, apesar de saberem os objetivos do estudo, falaram espontaneamente. Esse episódio de alteração da fala poderia ter sido evitado se a gravação utilizasse fala espontânea;

O F1 é músico regente de coral e trabalha diretamente com língua, sabendo delimitar parâmetros de pronúncia entre o português e o italiano.

Contudo, a maior parte dos dados claramente nos mostra que ocorre a substituição do ditongo nasal final tônico [ẽw̃] em [õw̃] em falares de descendentes de italianos, caracterizando, assim, uma particularidade lingüística desse povo.

Para termos dados mais concretos, seria interessante fazer novos experimentos com fala espontânea, além de serem ouvidos um número maior de falantes, com diferentes características pessoais e de distintos locais. Ademais, rodadas de pesos relativos, confrontando variantes, também seriam necessárias.

O estudo provou, também, que a língua é resultado de uma mescla de fatores construídos historicamente e enraizados na identidade dos povos, língua esta que identificará o falante por onde quer que ele vá e lhe apresentará aos demais falantes de um universo lingüístico maior, que é formado por outras tantas manifestações distintas de língua também construídas historicamente e caracterizadoras de outros povos. Portanto, língua é herança. É material vivo, de fluxo constante. A língua só pode ser entendida em seu contexto, avaliando-se a manifestação juntamente com a concepção da mesma.

Referências

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas lingüísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias lingüísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 115-145.
- FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 1983.
- MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese de Doutorado.
- MESCKA, Paulo Marçal. *Interferência fonológica do “dialeto italiano” na aprendizagem do português*. Porto Alegre: UFRGS, 1983. Dissertação de Mestrado.